

A "NOVA" LITERATURA FEMININA ALEMÃ ATRAVÉS DE SUCESSOS

Christl M.K. Brink-Friederici

RESUMO: A "nova" literatura alemã escrita por mulheres após a revolta estudantil de 1968 distingue-se por uma série de sucessos tanto de público leitor quanto de crítica literária. As razões para esses acontecimentos são várias, como a novidade de mulheres escreverem sobre si mesmas ou os temas por elas escolhidos que tratam da sexualidade, homossexualidade feminina, troca de papéis e agressão contra o *status quo* de uma sociedade patriarcal. Examinaremos nesse artigo dez desses sucessos da "nova" literatura feminina alemã, começando com o romance *Amor de classes*, de Karin Struck, de 1973, e concluindo com o de Elfriede Jelinek, chamado *O desejo*, de 1989.

A "nova" literatura em língua alemã escrita por mulheres distingue-se por uma série de sucessos de público e de crítica literária. Esses sucessos têm de ser vistos como resultados da "nova" literatura escrita por mulheres.

Quando falamos de uma "nova" literatura feminina, referimo-nos à literatura que surgiu após a revolta estudantil de 1968 e que iniciou um "novo" feminismo em comparação ao "velho" do século XIX e dos anos anteriores a 1968. Esse "novo" feminismo rompe radicalmente com o *status* vigente da mulher como objeto e nega a determinação de sua identidade pelo homem. As mulheres defendem-se contra projeções de feminilidade, contra a ontologia dos contrastes sexuais, contra o gasto e insípido "assim é você" masculino. O "novo" feminismo leva a sério a mulher como **sujeito**, quer que a emancipação parta dela mesma e não (como pregava o "velho" movimento feminista) da vontade do homem. Parte do pressuposto de que as necessidades e interesses femininos existentes na sociedade não são, ou são apenas muito parcialmente, levados em conta e descobre que o condicionamento das mulheres a papéis específicos contém uma gama de limitações e deformações, caracterizando uma opressão específica, cujas raízes não se encontram no capitalismo, mas sim no sistema patriarcal.

A exigência de autodeterminação da mulher passa obrigatoriamente pelo controle sobre seu próprio corpo, pela opção de alternativas para a família pequena e para a heterossexualidade e a busca de novos métodos emancipatórios na educação das crianças. Para as feministas de hoje, a identidade, i.é., a auto-realização, a autodeterminação e a ativação potencial de auto-ajuda e autocura são

conceitos primordiais, ponto de luta coletiva feminista contra a ordem de um mundo patriarcal.

A preocupação com a linguagem feminina é também uma constante em todas as obras escritas por mulheres. Por isso, a crítica literária Gisela Brinker-Gabler, não sem razão, chega à conclusão de que "só é sensato falar de um 'eu' feminino na literatura, quando esse 'eu' também é determinante lingüístico, formal e figurativo".¹

A "nova" literatura feminina é uma literatura provocadora e se contrapõe ao *status quo* vigente da mulher como objeto e nega a determinação de sua identidade através do homem. A não realização do "eu" feminino explica-se através do *status* de objeto da mulher. A literatura escrita por mulheres, de acordo com a autocompreensão do movimento, sugerido nos anos 60, quer incentivar a mulher à auto-análise, à conclamação de ações e à eliminação da discriminação e opressão.

Dentro desse novo espírito feminista, as mulheres estão a caminho de si mesmas e escrevem a respeito, algumas vezes, de forma precipitada e combativa, abrindo um espaço na literatura para as mulheres, e assim chamando atenção dentro da literatura até há pouco dominada exclusivamente pelos homens. Essa abertura pode ser um dos fatores que levou alguns livros da "nova" literatura feminina a um sucesso publicitário. Isso nos parece talvez a razão mais comum, mas há outras que variam de autora para autora: a novidade de uma mulher falar de si mesmo foi, com certeza, um grande fator no sucesso de Karin Struck em 1973; a sexualidade feminina tratada de uma maneira aberta como nunca feito antes trouxe para Verena Stefan (1975) e Svende Merian (1980) grandes vendas; outras autoras chocaram o público leitor e os críticos com sua agressividade e seu negativismo que, até pouco, foram reservados apenas aos homens escritores. Pensamos aqui em nomes como Alice Schwarzer, Gabriele Wohmann e Gisela Elsner. Outras escritoras conquistaram qualidade literária que lhes atribuiu reconhecimento literário nacional e internacional como no caso da socialista Christa Wolf e da austríaca Elfriede Jelinek. Cabe aqui também o nome da austríaca Brigitte Schwaiger, que, dentro da "nova" subjetividade, conseguiu escrever um livro autobiográfico e sócio-crítico que lhe trouxe grande fama. Um dos últimos sucessos da literatura feminina foi a obra de Christa Moog, em que se mesclam o respeito pela escritora Katherine Mansfield, cujas estações de vida a autora seguiu, e o próprio talento da contemporânea.

Um outro fator pelo sucesso dessas escritoras é o fato de que, a partir dos anos 70, existem na República Federal da Alemanha condições que permitem às mulheres a divulgação de suas obras em escala maior do que no período anterior.

(1) Brinker-Gabler, Gisela: "Das weibliche Ich. Überlegungen zur Analyse von Werken weiblicher Autoren mit einem Beispiel aus dem 18. Jahrhundert: Sidonia Hedwig Zäunemann". In: *Die Frau als Heldin und Autorin* (A mulher como heroína e autora). Bern/Munique, 1979, p. 56.

Existem editoras de mulheres que se ocupam exclusivamente da publicação de textos femininos. Também, as grandes editoras estão mais sensíveis, senão à literatura feminina em si, pelo menos ao potencial de leitoras e leitores que ela representa e atrai. Em vista disso, a difusão da literatura feminina é um ponto essencial para o seu sucesso. Autoras e leitoras têm de ser trazidas para fora do seu isolamento, têm de vir a público e entrar em diálogo. Na Alemanha, a conscientização de uma grande parte das mulheres (e até homens) de sua situação dentro da sociedade e a luta contra a discriminação representam um fator muito importante para o sucesso da "nova" literatura feminina, que se caracteriza, com freqüência, por tiragens de números sensacionais, como nos casos de Verena Stefan, Svende Merian e Brigitte Schwaiger, como veremos adiante.

O primeiro grande sucesso da "nova" literatura feminina alemã foi o romance *Amor de classes*² (*Klassenliebe*, 1973), de Karin Struck, uma obra autobiográfica que aborda as necessidades da classe operária, à qual Karin pertencia. Apesar de ser o primeiro livro desta autora, a obra obteve um êxito completo. A primeira edição saiu na primavera e, no outono, já era publicada a sétima, para a Feira de Livros de Frankfurt/Main (sua circulação atingiu a cifra de 38.000 a 45.000 exemplares).

A princípio, o movimento feminista não tomou conhecimento de Karin Struck, nem de sua luta por uma autoconsciência feminina. Como se explica essa contradição? Foram suas utopias e alternativas de felicidade, sua volta "à la nature" e sua ideologia reformista (preferências macrobióticas), que provocaram a desconfiança do movimento feminista. Sobretudo sua insistência pela gravidez deixava-a mal com as feministas, cuja autoconsciência havia se desenvolvido justamente na luta contra o parágrafo 218 do Código Civil Alemão punindo o aborto e contra o argumento da natureza feminina, que relega a mulher a um papel subordinado dentro da sociedade.

Analisando a segunda metade dos anos 70, ver-se-á que Karin Struck havia se tornado, ao lado de outras autoras como Gisela Elsner ou Christa Reinig, determinante e direcionadora dos esforços por um tipo de comportamento pós-industrial, tendo como fonte a forte convicção de que existe uma relação estrutural estreita entre a tendência de domínio da natureza e a sociedade patriarcal. "A mulher não fala mais, de jeito nenhum, exclusivamente de seu próprio assunto", escreve Christa Reinig em 1976. "Ela, como parte do cosmos, dirige-se contra o destruidor do cosmos que é o homem".³

Do mesmo modo, Karin Struck antecipa o mal-estar diante da linguagem "reinante", que, até à negação, tornou-se constitutiva da literatura feminina. A

(2) Karin Struck: *Klassenliebe* (Amor de Classes). Frankfurt/Main: Suhrkamp, 1973.

(3) Christa Reinig: "Das weibliche Ich" (O EU feminino). In: *Frauenoffensive Journal* 5, 1970, p. 50.

narradora do seu livro encontra-se numa espécie de relação colonial com a linguagem, vê-se contornada por metáforas que não são as suas. "Adultério? Deslizze?" pergunta ela, "palavras de um ou outro mundo. Um mundo de gangsters. Não o meu"(p. 14).

Dois anos depois de *Amor de classes*, ou seja, em 1975, a nova editora feminista, "Frauenoffensive", publica o volume pequeno, *Mudas*⁴ (Häutungen), de Verena Stefan, recebido com entusiasmo pelas mulheres feministas. Seguramente, a consciência já modificada de uma grande parte delas propiciou tamanho sucesso. Foram vendidos em dois anos 220.000 exemplares apenas por boca-a-boca *publicity*.

Verena Stefan é a escritora que se distingue por sua hostilidade em relação aos homens. "As mulheres são os negros de todos os povos", escreve ela no primeiro capítulo de *Mudas*. E solta seu grito de guerra com "O outro sexo" de Simone de Beauvoir e o "Manifesto para o extermínio dos homens" de Valerie Solanas debaixo do braço.

Em *Mudas*, apontamentos autobiográficos, a autora ilustra a busca de identidade de si mesma e da protagonista Veruschka. Num processo de muda da velha pele em quatro fases, que correspondem aos quatro capítulos do livro, ela realiza a transformação decisiva de um eu completamente dependente e passivo, para um EU consciente de si próprio.

Mas o grande tema de Verena Stefan é a sexualidade feminina. Com toda franqueza, assume uma posição contrária à domesticação sexual da mulher, "para corrigir a falsificação" da história feminina. Manifesta abertamente, pela primeira vez, uma "nova" autenticidade sexual, que se torna uma característica determinante para a literatura feminina, assumindo um significado preponderante – o questionamento de normas culturais vigentes e de padrões da sexualidade feminina. O caminho escolhido por Stefan não é o erotismo homossexual, como tal, mas sim, a negação de um comportamento sexual definido e requisitado pelos homens.

Em *Mudas* a autora se preocupa também com a linguagem. Desta forma, ela escreve todas as palavras em minúsculo, em oposição à norma ortográfica alemã. Contudo, não é só isso: "ao escrever esse livro", observa Verena, "eu esbarrei contra todas as palavras e conceitos da linguagem vigente"(p.3). Para poder continuar escrevendo, ela precisa, em primeiro lugar, destruir as relações corriqueiras, "questionar" os significados correntes, eliminar conceitos, "com os quais não se pode explicar mais nada", e "virar e revirar" as palavras, para que se tornem novamente úteis para as experiências autênticas das mulheres.

Esse começo da literatura feminina nos anos 70, que se ocupou principalmente da exaltação histórica do "eterno feminino" e da sua sensualidade natural,

(4) Verena Stefan: *Häutungen* (Mudas). Munique: Frauenoffensive, 1975, 127 p.

igualmente eterna e desdobrada em lamentações infinitas sobre a sociedade estruturada do modo patriarcal, foi criticada com razão. Por mais importante que fosse o reconhecimento e a pesquisa do EU-feminino em sua primeira fase literária, aclamá-lo demasiadamente fez com que perdesse sua força.

Por isso, as autoras da segunda metade dos anos 70 esforçaram-se para exprimir a "nova" condição da mulher de maneira mais objetiva em suas manifestações histórico-sociais. A mulher continua a ser protagonista, mas abandona sua posição em relação às formas comuns da vida de antigamente. Esse caminho, a princípio trilhado com grandes dificuldades, já que faltava às mulheres o embasamento teórico dos conceitos sociais e históricos para a construção da sua própria existência, firmou-se e comprovou-se, com a obra de Brigitte Schwaiger, *O sal do mar*⁵ (*Wie kommt das Salz ins Meer?*), que foi publicado no início de 1977, em Viena e Hamburgo, pela editora Zsolnay, e tornou a autora famosa da noite para o dia, com 150 000 exemplares vendidos em poucos meses.

O romance conta a história de uma austríaca de 20 anos que, concluídos seus estudos, tem dificuldades na escolha da profissão. Ela descende de uma família de "sólida classe média" e seu pai, um médico, espera dela uma carreira acadêmica.

Como não consegue decidir o que deseja ou o que poderia tornar-se, abandona, por fim, a procura de uma profissão, para, ao invés disso, casar-se com seu namorado de juventude, Rolf.

Entretanto, com o casamento, começa para ela uma vida de dona-de-casa e esposa, com a qual, desde o primeiro dia, sente-se mortalmente entediada: se indis põe, já que não consegue coadunar-se com os hábitos burgueses, pelos quais se vê agredida. Em sua existência, tudo lhe parece artificial, vazio, sem calor humano.

Finalmente, para se livrar do vazio inconsolável do cotidiano, a jovem esposa foge para um relacionamento amoroso secreto com Alberto, amigo de Rolf.

O alheamento entre a protagonista e Rolf cresce ao ponto de ela contar-lhe sobre sua ligação com Alberto. Permanecendo impossível o entendimento, ambos resolvem se divorciar.

No romance de Brigitte Schwaiger, a protagonista resiste até mesmo a uma depreciação dupla da mulher: através das exigências do pai e do marido, e através da opressão da mãe, que mal tem uma fagulha de vida.

No mesmo ano do lançamento de *Sal do mar*, Alice Schwarzer, a grande figura do feminismo na República Federal da Alemanha desde os anos 70 até hoje, reeditou seu ensaio de 1975 *A 'pequena' diferença e suas grandes conse-*

(5) Brigitte Schwaiger: *O sal do mar* (*Wie kommt das Salz ins Meer?*). Trad. Lya Luft. Rio de Janeiro: Record, s.d. (Viena/Hamburgo: Zsolnay, 1977).

*qüências*⁶ (*Der 'kleine' Unterschied und seine grossen Folgen*), graças ao qual alçou-se a uma posição de relevo entre as feministas. O livro compõe-se, em grande parte, de entrevistas de mulheres e contribuiu bastante para alertar as mulheres alemãs para a sua posição de subalternas. Valendo-se de exemplos da sexualidade, "A 'pequena' diferença" analisa a função das chamadas relações privadas entre o homem e a mulher, a opressão das mulheres, e a libertação sexual pelas quais Alice luta. O ponto crucial de sua argumentação é o monopólio *sexual* dos homens sobre as mulheres e, simultaneamente, o monopólio *emocional* (as mulheres apaixonam-se naturalmente, só pelos homens), *social* (para serem reconhecidas socialmente, as mulheres têm de se fazer valer do casamento ou, pelo menos, do relacionamento com os homens) e *econômico* (as mulheres aceitam, "por amor ao homem", o trabalho não remunerado no lar e mal remunerado profissionalmente). Disse, concluindo: "Só um abalo profundo do monopólio do sexo masculino pode mudar os papéis sexuais" (p. 207).

Alice Schwarzer, com o seu engajamento intransigente nas questões feministas, com as suas publicações sobre o tema da emancipação e como editora da revista feminista EMMA, tornou-se uma personalidade de destaque no decorrer dos últimos vinte anos. Ela luta com paixão contra a violência e contra a mídia masculina, contra as mentiras sobre a igualdade entre o homem e a mulher, contra a nova feminilidade, contra o poder dos homens e a impotência das mulheres e a favor da autodeterminação e dos direitos iguais.

Os anos 80 começaram com um sucesso de venda comparável com a de *Mudas*. Trata-se do romance feminino *A morte do príncipe encantado*⁷ (*Der Tod des Märchenprinzen*) de Svende Merian (1980), que alcançou a cifra de 230.000 exemplares vendidos. Este livro, tal como *Mudas*, é autobiográfico, e inicia-se quando a autora e protagonista Svende coloca o seguinte anúncio no jornal:

mulher de esquerda, 24, gostaria de conhecer homens efeminados, de preferência mais moços. Respostas para 9003.

Apresentam-se dezesseis homens, mas unicamente um, que respondeu com um poema, lhe interessa. Chama-se Arne, e Svende apaixonou-se por ele logo no primeiro encontro. Arne torna-se para ela o príncipe encantado, um homem terno, para quem ela transfere todos os seus sonhos e ilusões, que, no entanto, terminarão com o fracasso e, assim, com a "morte" do príncipe.

(6) Schwarzer, Alice: *Der 'kleine' Unterschied und seine grossen Folgen* (A 'pequena' diferença e suas grandes conseqüências). Frankfurt/Main: Fischer, 1975/77.

(7) Svende Merian: *Der Tod des Märchenprinzen* (A morte do príncipe encantado). Reinbek: Rowohlt, 1984.

O sucesso desse livro não se encontra apenas na defesa do feminismo, mas na busca de um "homem-mulher", uma combinação andrógina, na qual a separação por sexos (a fixação dos papéis) seja eliminada, no sentido de "man-womanly" de Virginia Woolf: "It is fatal", diz ela, "to be a man or woman pure and simple; one must be woman-manly or man-womanly".

Foi também nos anos 80 que Christa Wolf, da antiga República Democrática Alemã, chegou ao movimento feminista através do socialismo. É certo que ela se defende contra a designação de "feminista", mas é tão engajada na luta pela emancipação da mulher quanto as ativistas da República Federal da Alemanha, onde seus livros também foram editados e sempre atingiram altos números de venda.

O tema principal das suas obras é a emancipação da mulher, ou melhor dizendo, a possibilidade da emancipação feminina, e não surpreende o fato de, quase sem exceção, as mulheres estarem no centro da ação das suas narrativas e romances. Christa Wolf disse uma vez:

"O princípio radical de onde partimos (a libertação da mulher) está ameaçado de ficar paralisado na auto-satisfação com o primeiro degrau que já ganhamos e a partir do qual novos questionamentos deveriam nos levar adiante. Questionamentos do tipo: É isso então o objetivo da emancipação, é para desejar, afinal, que as mulheres se tornem iguais aos homens, que possam fazer as mesmas coisas, receber e defender os mesmos direitos que eles, quando, entretanto, os homens precisam ainda ser eles mesmos emancipados?

Trata-se de outra coisa: reconhecer que os dois sexos têm necessidades diversas e que não é o homem que é o modelo da pessoa, mas o homem e a mulher. A maioria dos homens não consegue conceber esta idéia, mas também são poucas as mulheres que tentam ir ao fundo da sua consciência permanentemente pesada — porque elas não podem, pura e simplesmente levar a cabo o que lhes é exigido: a razão estaria na sua própria identificação dependente do ideal de masculinidade, já ultrapassado".⁸

O que Christa Wolf trata, por conseguinte, por meio de exemplos de figuras históricas ou fictícias, não são os temas clássicos da emancipação, mas a ameaça que paira sobre a identidade e a individualidade de todas as pessoas, por causa da explosão das informações e da revolução técnico-científica; da divisão do trabalho, da burocracia e do consumismo; da alienação e do isolamento, dos papéis sociais e da perda da fala. A confrontação de Christa Wolf com o movimento feminista desemboca na pergunta: Como podem as mulheres ser liberadas, enquanto todas as pessoas o não forem?

A "nova" literatura feminina aspira a uma compreensão política das mulheres, mas, além disso, a uma nova compreensão da História, uma vez que as

(8) Christa Wolf, in: *Frauen schreiben* (Mulheres escrevem), p. 167.

mulheres, como nenhum outro grupo social, foram expropriadas dela. A História das mulheres é uma História dos homens. A partir desta afirmação, devemos deduzir que os empreendimentos feitos pelas mulheres no passado não foram considerados dignos de figurar no registro da História – registro esse no qual elas não tiveram participação. Por conseguinte, segundo Virginia Woolf, as mulheres sofrem de uma carência gritante de tradição:

"One could not go to the map and say Columbus discovered America and Columbus was a woman; or take an apple and remark, Newton discovered the laws of gravitation and Newton was a woman; or look into the sky and say aeroplanes are flying overhead and aeroplanes were invented by women. There is no mark on the wall to measure the precise height of women. There are no yard measures, neatly divided into the fractions of an inch, that one can lay against the qualities of a good mother or the devotion of a daughter, or the fidelity of a sister, or the capacity of a housekeeper"⁹

Dentro dessa "nova" literatura feminina de língua alemã, Christa Wolf verifica a ocorrência da mulher na História com sua narrativa *Kassandra*¹⁰, em que empreende um recuo até a Antigüidade.

Kassandra expõe a sua própria história sob a forma de uma corrente de recordações, associações, reflexões, interpretações e reinterpretações das suas experiências. É a história antiqüíssima e profundamente atual de uma mulher que, ao invés de tornar-se objeto, resiste e passa a uma condição de marginalidade. Começa, então, o desenvolvimento de Kassandra para tornar-se uma mulher independente, tomando dolorosamente consciência de que, entre matar e morrer, existe uma terceira possibilidade: viver.

As escritoras Gabriele Wohmann e Gisela Elsner conquistaram uma existência autônoma como autoras. Não se intitulam feministas, mas são-lhes afins pelo seu gênero direto e desassombrado. A crítica chama-as de as mulheres com o "olhar de más". A literatura da negação que elas criam é tomada como adesão ao negativismo. Aí sua receita de sucesso.

A mais fecunda e conhecida das escritoras contemporâneas é, provavelmente, Gabriele Wohmann, que publica, pelo menos, um livro por ano. Ela tentou todos os gêneros, mas o seu forte são os contos, publicados em mais de 20 volumes. A temática que perpassa toda a sua obra é a descrição do indivíduo medíocre e do terror silencioso do ente querido na escravidão dos hábitos.

Ela cultiva a imagem negativa por meio da cor cinza: na roupa, na paisagem e nos livros. Ela descreve o cotidiano cinzento nas diferentes gamas dessa

(9) Virginia Woolf: *A room of one's own*. London: A Triad Panther Book., 1985, p. 813.

(10) Wolf, Christa: *Kassandra*, narrativa. Darmstadt: Luchterhand, 1983.

cor. Ela é determinada pelo intelecto. Os sentimentos não inspiram confiança. Nos romances, a sensualidade é sufocada.

Em *Pares*¹¹ (Paarlauf, 1979), uma série de 15 contos de casais, o olhar re-tém o que é mesquinho e coloca-o na mira do ridículo. Os homens apresentam-se como imbecis e frouxos, as mulheres, geralmente como neuróticas na menopausa. Não aparecem cenas eróticas nem sexuais, embora, sem exceção, se trate sempre de histórias passadas entre homens e mulheres. Em "Clematis", cortar o cabelo re-vela-se como a mais ousada das intimidades: "Você pode me cortar o cabelo, Lorenz? Pergunta Natalie... Ah sim, ela estava planejando para Lorenz uma extraordinária manifestação de amor... um autêntico ato sexual, cortar o cabelo, que demonstração de simpatia!"

Gisela Elsner foi chamada não só de "Cleópatra da ficção", como de "anjo de gelo" das escritoras da "nova" literatura feminina. Nas suas sátiras sociais, aventura-se até aos domínios da crítica radical, exagerando os traços de cada papel social, através de caricaturas impiedosas. Conseqüentemente, o sucesso de venda de seus livros encontra-se na sua notoriedade.

A fixação histórico-social do papel da mulher sobre a casa e os filhos, e a frustração da atividade profissional (muitas vezes a ela associada) é levada *ad absurdum* em *A domesticação*¹² (Die Zähmung), graças à comicidade amarga e à precisão satírica. O romance descreve o processo de troca de papéis num casamento, do qual a vítima é o homem: a cineasta com obsessão pelo sucesso, Bettina Begemann, domina de tal sorte o marido – Alfred Giggenbacher, autor de um modesto livro de poesia lírica e de uma peça de sucesso para o teatro – mediante o clássico recurso da chantagem emocional e consegue levar o marido a renunciar a suas pretensões quanto a futuros êxitos profissionais e a dedicar-se totalmente ao lar e à educação dos filhos.

O penúltimo sucesso dentro da "nova" literatura feminina alemã é o livro de Christa Moog, *Por mil espelhos verdes*¹³ (Aus tausend grünen Spiegeln), de 1988.

A autora nasceu em 1952 na cidade de Schmalkalden (antiga República Democrática Alemã); estudou Educação Física e Germanística na Universidade de Halle e atuou como professora até 1984, quando se mudou para a República Federal da Alemanha.

O livro tem uma história anterior: o escritor Franz Fühmann, falecido em 1984, em Berlim Oriental, era um mentor de muitos jovens escritores da RDA.

(11) Gabriele Wohmann: *Paarlauf* (Pares). Darmstadt/Neuwied: Luchterhand, 1979.

(12) Gisela Elsner: *Die Zähmung* (A domesticação). Reinbek: Rowohlt, 1984.

(13) Christa Moog: *Aus tausend grünen Spiegeln* (Por mil espelhos verdes). Darmstadt: Classen, 1988.

Tinha dado de presente para Christa Moog, em 1951, dois volumes de contos de Katherine Mansfield, com a seguinte dedicatória: "A muitas histórias boas!"

A partir desta data, Christa Moog apaixonou-se pela escritora neozelandesa cuja leveza de estilo admirava, que não comentava e explicava nada, evocava – com apenas poucas palavras – coisas, pessoas, paisagens.

Quando, em 1987, Christa ganhou uma bolsa de literatura, realizou seu sonho: seguir as estações de vida de seu ídolo. Assim surgiu o livro *Por mil espelhos verdes*, grande sucesso de venda em 1988, que, sem dúvida, tinha algo a ver com a divisão política da Alemanha em dois estados. Cada vez que um/uma autor/a mudou-se de um lado para o outro (em geral do lado oriental para o ocidental), sua obra tornou-se alvo de interesse geral.

O livro está escrito em três planos: são duas biografias, a da própria Christa Moog e a de Katherine Mansfield, mas no fundo é um livro sobre a pátria (Heimat), sobre a partida, para nunca chegar, sobre a busca de um novo lar que nunca corresponde aos sonhos, e nunca atinge a beleza da pátria que ambas as escritoras deixaram, Katherine com 19 anos e Christa com 32. A primeira fugiu da provincialidade neozelandesa para viver uma vida agitada na Europa, onde morreu, prematuramente, de tuberculose com 32 anos. Quanto mais se aproximava da morte mais nitidamente se lembrava de sua terra natal, e seus contos mais bem sucedidos aconteceram na longínqua Nova Zelândia. Se ela não tivesse partido, nunca teria escrito essas obras de arte.

Christa, por sua vez, deixou a "prisão" de um país do bloco oriental e experimentou a vida livre do mundo ocidental, um mundo sem fronteiras, mas também sem proteção. Viveu de repente a liberdade com a qual sempre sonhava na RDA e procurou se radicar no novo país. Não achou um apoio senão nas cartas que mandava para uma amiga em Weimar, na Alemanha Oriental. De fato, todo o romance é uma única carta longa que junta o passado com o presente. O futuro, ou seja, a busca de uma nova pátria se combina com a da figura de Katherine Mansfield. Mas o que Christa encontra é, como já aconteceu a Katherine, sempre a velha pátria. Mas o importante nos dois casos é a partida, se não ambas não teriam escrito o que podemos ler hoje em dia.

Da austríaca Elfriede Jelinek, diz-se que "perante o seu olhar, a misericórdia desaparece". A frieza de seu olho clínico, maliciosamente cravado sobre a vida, irritou também as leitoras e os leitores de sua última obra intitulada *O Desejo*¹⁴ (Lust), de 1989. Trata-se de um romance com a protagonista chamada Gerti, esposa e mãe, que procura escapar aos ataques sexuais do seu marido nos braços do amante, que também a humilia e a violenta.

(14) Jelinek, Elfriede: *Lust* (O desejo). Reinbek: Rowohlt, 1989, 256 p.

O desejo tem que ser visto no contexto da atual luta das feministas de língua alemã contra a pornografia masculina. A autora originalmente planejou um romance anti-pornô, mas fracassou. Numa entrevista concedida à crítica literária da revista EMMA, a autora disse a respeito: "Eu queria achar uma linguagem feminina para o obsceno. Mas escrevendo, o texto me destruiu. Devo admitir que uma mulher não consegue cumprir esse objetivo, enquanto essa sociedade machista perdure"

Resumindo podemos dizer: as dez obras acima citadas são tematicamente parecidas, pois as suas protagonistas descrevem os mesmos desejos e medos; procuram calor humano; sofrem pela dominação masculina e percorrem a trajetória de uma mulher-objeto para uma mulher-sujeito. Por outro lado, os pontos em comum não podem nem devem ofuscar suas diferenças básicas, manifestadas pela maneira específica de pensar e agir. Por isso, cada sucesso teve suas razões específicas que tentamos salientar nas explicações anteriores.

ABSTRACT: The "new" German literature written by women has had a lot of success both among the critics and the common reader. This is due to a number of factors such as the novelty of women writing about themselves or about special themes which deal with sexuality, female homosexuality, changes of social roles and challenges to the *status quo* of a patriarchal society. In this article we shall examine ten successful examples of this "new" feminine German literature beginning with the novel *A love of classes* by Karin Struck (1973) and ending with a novel by Elfriede Jelinek, *Desire* (1989).